

# AÇÕES PEDAGÓGICAS EM FAVOR DO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA DURANTE ENSINO REMOTO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE

LO-RUAMA AMARO DE OLIVEIRA<sup>1</sup>  
RAQUEL SANTOS SANDERS<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

**D**iscussões sobre leitura, escrita e práticas alfabetizadoras estão presentes no cotidiano de educadores há bastante tempo. Sabemos que diversas abordagens vêm sendo debatidas por múltiplas concepções de ensino. Ainda assim, podemos entender que o desafio central é mesmo: Como desenvolver habilidades de leitura? Ou ainda, como formar leitores autônomos? Recentemente, acrescentamos aos debates questionamentos acerca das práticas sociais de leitura, durante e após, um longo período de aulas remotas. Nessa perspectiva, aqui relatamos sobre as ações de promoção à leitura durante o período de aulas remotas de uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, ofertadas por uma instituição de ensino da rede privada de Fortaleza - CE, devido à pandemia de Covid-19.

Dentro desse contexto, objetivamos refletir sobre os desafios que vivenciamos na tentativa de propiciar momentos instigantes, lúdicos e desafiadores para as crianças em relação ao contato com a leitura. Ou seja, intentamos olhar para experiências que passamos e aprender com elas. Portanto, aqui descrevemos como foram ofertadas as aulas remotas, as atividades propostas e os recursos desenvolvidos

1 Graduada pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará- UFC e especialista em Educação Infantil, lo.ruama.amaro@gmail.com

2 Graduada pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará- UFC raquelssanders@gmail.com

relacionados à leitura. Abordamos ainda, as adversidades encontradas e estratégias docentes.

Faz-se importante destacar que, a BNCC esclarece que as crianças desde bem pequenas escutam e acompanham muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, o que contribui para ampliar sua curiosidade. Justamente por isso, desde a educação infantil, essa imersão ao universo da leitura deve partir do que a criança já conhece e do que tem interesse, pois a partir exploração de textos conhecidos a criança desenvolve o prazer pela leitura e cria hipóteses de escrita. Ainda nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta que nos anos iniciais a ação pedagógica tem como foco a alfabetização. Dessa forma, é imprescindível ofertar amplas oportunidades para o desenvolvimento do sistema de escrita alfabética e o contato com a leitura, evitando assim, vivências genéricas e descontextualizadas. Uma vez que compreender nosso sistema de escrita, o Português, não é uma tarefa simples, mas sim requer muitas habilidades complexas.

Sabendo de tudo isso, diante das mudanças no cenário educacional, nos deparamos com diversas incertezas, dentre elas, as já mencionadas no início deste relato e muitas outras, como: é possível propor atividades que promovam o prazer pela leitura? Quais recursos podemos utilizar? Como realizar as intervenções pedagógicas à distância? É possível manter os vínculos entre professores e crianças separados e ao mesmo tempo reunidos por uma tela? Aquela época, talvez até mesmo agora, não tenhamos respostas prontas para tais questionamentos, mas tínhamos que lidar com a realidade do novo cenário e se reinventar no trabalho docente. Dentro desse contexto, percebemos que a curiosidade e o interesse das crianças continuavam como pilar central, apesar de todas as adversidades vivenciadas devido à pandemia, elas continuavam expondo seu interesse em explorar o mundo e tudo, e nada menos, que há nele. Partimos então, para o desenvolvimento de recursos interativos que pudessem oportunizar o contato com a leitura.

## **METODOLOGIA**

Nessa sessão descrevemos resumidamente o contexto de nossas vivências docentes nas aulas remotas. Antes disso, é importante

destacar que este estudo foi desenvolvido e aqui relatado após autorização das profissionais de coordenação e direção pedagógica responsáveis pela referida instituição de ensino.

Com base nas deliberações feitas pelo corpo gestor da escola, ministramos aulas à distância para o primeiro ano do ensino fundamental. As aulas iniciaram em maio de 2020, indo até outubro de 2020 totalmente remotas. De novembro à dezembro, híbridas, ou seja, foram realizados rodízios dos agrupamentos de alunos entre as aulas remotas e presenciais. As ações de ensino remotas foram organizadas em duas categorias: atividades assíncronas (vídeos, sugestões de material para leitura em família, registros gráficos de desenho e escrita) e síncronas (encontros online com a professora responsável pela turma na plataforma *Google Meet*). As atividades síncronas e assíncronas eram intercaladas ao longo da manhã no horário de 7:30 até às 12:00 horas.

Nossas manhãs iniciavam com uma acolhida de 30 minutos que tinha por objetivo promover conversas sobre as vivências do cotidiano, propor brincadeiras populares como, *mímica* e *mestre mandou*, dentre outras ações. No momento da acolhida, a turma composta por 20 crianças, participava no mesmo horário, pois pensamos ser importante oportunizar que as crianças se encontrassem diariamente para interagir e conversar. Ao passo que, nas aulas síncronas, a turma era dividida em dois agrupamentos e cada grupo participava em horários distintos. Os encontros tinham, em média, 1 hora de duração, podendo chegar em 1 hora e 30 minutos em alguns dias da semana. A escolha de formar agrupamentos menores, se deu a partir de nossa percepção sobre a relevância de ouvir às crianças atentamente em suas colocações.

Dentro desse contexto, destacamos que não pretendemos aqui debater qual é modo mais adequado de ofertar aulas remotas ou defender que as ações realizadas remotamente podem se equiparar ao ensino presencial. No entanto, é importante salientar que entendemos que a escola é ambiente de convívio social amplo, promotora de aprendizagens múltiplas e, sob o nosso olhar, indispensável para o desenvolvimento pleno dos educandos. Entretanto, as condições impostas pela pandemia nos levaram a um novo cenário. Nos deparamos a uma sala de aula dentro da tela de um computador, crianças e famílias cheias de diversas expectativas, e dentre essas, a aquisição da leitura.

Diante de tudo isso, percebemos que propiciar aulas interativas impulsionava a participação das crianças e instigavam o prazer pela exploração do universo da leitura. Deste modo, utilizamos diversos gêneros textuais como, tirinhas e fábulas, além de jogos sonoros envolvendo rimas e aliterações. Trazendo assim, recursos e ações que já faziam parte da abordagem pedagógica da instituição e das docentes, embasadas em estudos ligados à perspectiva de alfabetizar letrando, como os de Teberosky e Colomer (2003) que versam sobre a aprendizagem da leitura e da escrita em uma perspectiva construtivista.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Ao voltarmos nosso olhar para o passado, relembramos que por muito tempo a concepção tradicional de alfabetização privilegiou os procedimentos de escritas, descolados de significados. Nessa perspectiva, as cartilhas eram o suporte principal de educadores que repetiam incansáveis vezes letras isoladas e sílabas agrupadas em famílias. Das crianças, esperava-se, por sua vez, que se apropriassem da leitura e da escrita com essa mecânica de encaixe das partes da palavra. Sobre isso, diz Albuquerque e Morais (p. 150, 2005):

Um dos pressupostos básicos dos métodos tradicionais é o que primeiro tem que se ensinar as unidades menores das palavras[...] para só depois os alunos poderem ler frases e textos. Assim para garantir que os alunos lesem apenas palavras que contivessem as unidades já trabalhadas.

Nessa perspectiva, os docentes exerciam certo controle da aprendizagem, ditando o que e quando os estudantes deviam conhecer. No momento atual, sabemos que, os processos de construção de habilidades de leitura perpassam por outros percursos. Hoje, falamos em alfabetizar letrando, trazer ao foco das práticas docentes ações que possibilitem aos educandos a imersão na cultura letrada. Desta maneira, com base em Magda Soares (2003), entendemos o letramento como uma condição não restrita somente ao ato de ler e escrever, mas sim a interação constante com a oralidade, leitura e escrita significativas, ou seja, relacionadas às vivências e interesses, contruindo assim uma teia de sentidos que facilitem a formação de um leitor autônomo, que compreenda o que lê e relaciona ao que já sabe, ao que viveu e

ao contexto em que está inserido. Portanto, segundo a mesma autora, codificar e decodificar não garantem a verdadeira ação leitora em seus propósitos comunicativos, discursivos e de memória.

Nesse mesmo sentido, Isabel Solé (1998) aponta que ler é, acima de tudo, é compreender e atribuir sentidos e não apenas falar o que está escrito. Há, portanto, um processo de interação entre o leitor e texto ao identificar as idéias implícitas e explícitas. A luz dessas concepções, buscamos então ofertar atividades durante as aulas remotas que instigassem nossas crianças a criar suas hipóteses, partilhar saberes e, apesar de tantas mudanças em nosso cotidiano, vivenciar momentos prazerosos e, assim ampliar, o contato com a leitura. Nesse mesmo sentido, Isabel Solé (1998) aponta que ler é, acima de tudo, é compreender e atribuir sentidos e não apenas falar o que está escrito. Há, portanto, um processo de interação entre o leitor e texto ao identificar as idéias implícitas e explícitas. A luz dessas concepções, buscamos ofertar atividades durante as aulas remotas que instigassem nossas crianças a criar suas hipóteses, partilhar saberes e, apesar de tantas mudanças em nosso cotidiano, vivenciar momentos prazerosos e, assim ampliar, o contato com a leitura. Vale lembrar que essas atividades não eram um mera adaptação de uma aula presencial para o remoto, pois como apontam Abreu e Dantas (2021) o novo cenário exigia um completa reorganização do planejamento, dos materiais utilizados e das ações desenvolvidas. Isso se faz relevante, pois segundo as autoras:

É preciso ter clareza acerca do objetivo da educação, uma vez que a formação da criança será dada não só pelo desenvolvimento do currículo, mas pelo princípio metodológico (presença pedagógica da professora e problematização), pela escolha dos materiais didáticos, pela organização da sala e das possibilidades de interação (aprendizagem colaborativa). (ABREU e DANTAS, p. 53, 2021)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui apresentamos os recursos e ações de promoção à leitura nas aulas remotas. É importante dizer que selecionamos alguns dos momentos para elucidar o contexto de um longo período de aulas e diversas atividades propostas.

**Literatura infantil:** na atividade assíncrona disponibilizamos um vídeo, previamente gravado, realizando a leitura de uma fábula, intitulada: *O rato do campo e o rato da cidade*. Mais tarde, no encontro síncrono, houve um debate sobre as características dos personagens e os acontecimentos do enredo. Na ocasião, fizemos questionamentos como: o rato do campo gostou da cidade? E o que poderia acontecer se ele mudasse para a cidade? Estimulamos que partilhassem suas inferências a partir do texto ao questionar, por exemplo, por que a família considera o campo melhor que a cidade. Questionamos ainda, se o grupo conhecia outras histórias semelhantes. A partir das histórias citadas, fizemos outras leituras. Propúnhamos atividades a partir delas como, por exemplo, um bingo com palavras da história na qual as crianças eram convidadas a retomar a história, ler as palavras disponíveis, selecionar as que gostariam de compor sua cartela e compara-las às sorteadas. Esse tipo de brincadeira, favorecia que as crianças ajudassem umas às outras, com a mediação docente, e, gradativamente ampliando seu envolvimento com a leitura.

**Tirinhas e histórias em quadrinhos:** Certo encontro as crianças demonstraram interesse nos personagens da *Turma da Mônica*. A partir das falas do grupo, combinamos que, nas aulas seguintes, poderíamos ler histórias juntos. Propusemos momentos de leitura, em que observávamos aspectos como: expressões faciais, cenário, tipologia das letras, sinais gráficos desenhados e o texto escrito. Em outro momento, levamos histórias na qual não havia balões de texto e brincamos de ler as imagens e imaginar os possíveis diálogos, mais tarde propusemos também escritas coletivas em que a professora era escriba e também de produção individual de escrita espontânea.

**Jogos sonoros:** Os jogos se mostraram um recurso que propiciava a partilha de saberes e estratégias. Utilizamos jogos de leitura como: *Qual é o intruso?* Nesse jogo, apresentávamos 4 fichas e as crianças selecionavam a que não podia pertencer ao grupo e justificavam o critério (parte inicial ou final da palavra). Brincamos também de *Palavra dentro de palavra*. Em síntese, as crianças tinham que analisar as palavras de referência nas cartas disponíveis e relacionar à outras que estavam contidas (luva – uva e galinha – linha) para formar os pares. Alguns recursos visuais utilizados pelas docentes eram de autoria do Portal trilhas (2006) e outros elaborados por elas utilizando a plataforma de criação de jogos *Wordwall* e *Google apresentações*. Nesse

sentido, as diversas atividades ofertadas, visavam valorizar o uso social da leitura e momentos prazerosos de descobertas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, consideramos que, durante o período de aulas remotas passamos por muitas adversidades para desenvolver novas práticas e criar recursos compatíveis às novas plataformas. Trabalhamos por horas a fio na elaboração de materiais (vídeos, jogos, atividades e registros), portanto, empenhamo-nos em proporcionar aulas agradáveis, momentos de aprendizagem e, sobretudo, de partilha dos sentimentos, interpretações de mundo, idéias e saberes. Dentro desse contexto, compreendemos que apesar de tantas mudanças no cotidiano, as crianças participavam ativamente das aulas. A medida que ganhavam confiança em si mesmas, e se percebiam leitoras, prontificavam-se mais e mais para ler durante nossos encontros, além disso, partilhavam o que liam em outros momentos. Atualmente, recebemos novos grupos adentrando o ensino fundamental, e agora, crianças com novos desafios, algumas, por exemplo, ausentes do convívio social durante um período significativo de tempo. Concluímos então, apotando que surge, um novo espaço para debates e estudos: Quais velhos caminhos precisamos reencontrar na alfabetização e letramento? E, quais novos podemos trilhar? Há pela frente, árduos dilemas e igualmente instigantes à pesquisa educacional.

**Palavras-chave:** Leitura; Aulas remotas; Ação docente.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Henriqueta Rocha De. DANTAS, Jeane Pereira **A atuação das professoras alfabetizadoras no ensino remoto: novas práticas e velhas estruturas educacionais** in O olhar das professoras para o ensino durante o isolamento social. BARBOSA, Maria José. NOGUEIRA, Aurinete Alves. MESQUITA, Elizangela Silva - organizadoras. São Paulo: Alexa Cultural, 2021

ALBUQUERQUE, Eliana; MORAIS, Arthur. O livro didático de alfabetização: mudanças e perspectivas de trabalho. in **Alfabetização apropriação do sistema de escrita alfabética**. ALBUQUERQUE, MORAIS, LEAL (orgs) Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

NATURA, Instituição. Cadernos de jogos. **Portal Trilhas**. (2006) Disponível em: <<https://www.portaltrilhas.org.br/kit>> Acesso em: 15 de agosto de 2022

SOARES, Magda (2003) **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e escrever em uma proposta construtivista**. Ed. Artemes, 2003.